

21-07-2021

Orgulho de ser Ateu e ter Fé

Domitilo de Andrade

[Ex-comerciário. Poeta e Cordelista]

Quando eu tinha lá meus dez, onze anos, um amigo de meu pai me chamou num canto e disse: “*Seu pai é o ateu mais cristão que eu conheço.*” Nós morávamos ao lado de uma grande igreja na Praça 11 do Rio de Janeiro: a Igreja de Sant’Ana. E eu que ia lá pra jogar pingue-pongue e, pela vontade de minha mãe, lá fazia minha primeira comunhão, fiquei pensativo com aquela frase. Aos dez, onze anos, toda frase nos faz ficar pensativos. Mas não as frases daquele tipo. Nossos pensamentos se voltam para frases bem menos filosóficas: “Você já é quase um homem”; “Vai ficar com os dentes podres se não escovar os dentes”; “Comer e coçar é só começar”; “Se não estudar vai virar burro”; “Quando atravessar a rua olha pros dois lados”. Etc... Etc...

Essas frases pragmático-educativas provocam o primeiro grande efeito de saco cheio da espécie humana na pré-adolescência. Mas, décadas depois, as reproduzimos com nossos filhos e netos. Esse é um dos sinais de que a espécie humana evolui pouco ou, na melhor das hipóteses, de que esses tipos de frases se mantêm porque (ainda) nos preocupamos com o cuidado com as crianças.

Claro está que isso ocorre no microcosmo das relações sociais em que se incluem os laços parentais e comunitários. No nível da macropolítica, tendo o Brasil como emblema, o cuidado com as crianças é ZERO. Justifico a nota ZERO por ser um país que cuida de suas crianças de forma espasmódica, errática, factual, conjuntural, eventual ou, seja lá de que forma sórdida, que denomine a falta crônica e persistente de cuidado e responsabilidade.

Crianças que morrem de fome, de bala perdida, espancadas por padrastos vereadores, atropeladas por “machões” no volante, assassinadas por policiais condecorados por assassinios são meros exemplos da ponta do iceberg.

O que está abaixo da linha do mar, onde navega o iceberg, é a ausência completa de políticas públicas direcionadas prioritária e exageradamente para as crianças: saúde, educação, segurança e cultura em sua plenitude....

Contudo, se eu estivesse lendo este texto eu mesmo me perguntaria: “E o que tudo isso tem a ver com o fato do cara ter orgulho de ser ateu?” Bem, eu falava sobre as frases que me faziam pensativo aos onze anos de idade.

Uma dessas frases foi do meu pai, quando eu ia pra igreja: “*Se o Padre João te oferecer balinha não mete a mão no bolso da batina dele...*” Essa frase de meu pai, anterior à do seu amigo, creio ter sido o estopim de me fazer pensativo diferente. Juntei balinha, bolso furado da batina e ateísmo. Acho que dias depois iniciei minha trajetória de ateu.

Primeira decisão foi não enfiar a mão no bolso da batina do Padre João. A segunda foi não fazer a primeira comunhão, decisão que não incomodou minha mãe (acho que ela não era muito convicta). A terceira, um tempo depois, foi conhecer um pouco mais sobre as religiões do mundo.

Numa época em que não havia internet, as enciclopédias que nos ilustravam (Barsa, Britannica, Larousse e Tesouro da Juventude), a que tínhamos acesso, levou-me finalmente ao ateísmo. Embora as mitologias e as religiões se misturem em suas origens e, mesmo, até hoje, quando pesquisamos sobre as religiões a surpresa é muito grande. Primeiro pelos números que não se consegue contar com exatidão, por existirem às milhares. O fato, de certo modo, já contraindica ter preferência por alguma, como se fossem times de futebol... Depois, o que é mais grave ainda, pelas animosidades entre elas. A história humana é atravessada pelas guerras inter-religiosas e que continuam ocorrendo, desde sempre. E a história mostra que isso se dá em nível global, regional, nacional, comunitário e até individual.

A fé religiosa que leva à guerra é a fé fundamentalista, aquela que demonstra o caráter da fé mais funda, fundamental de supremacia, de sobrepujar o outro e de eliminar todos os que tenham a fé distinta da sua.

Algumas religiões mais “benevolentes” podem até, em certas circunstâncias, ter o ato de misericórdia de não eliminar o outro, desde que o outro se converta à fé fundamental que o “ameaça” em sua vida. E eis a grande contradição: todas as religiões justificam-se com algumas palavras abusadas em seus dogmas: AMOR e ESPERANÇA.

???????????????????? SÉRIO ????????????????????

Não sou o único que já viu falar-se em nome de Deus e com a rubrica da religião portadora para degolar, extorquir, abusar, enriquecer, eliminar. Também já vi religiões ampararem os desamparados e acolherem os desalentados, mas para fazer isso pode-se ser ateu. Pouco a pouco fui descobrindo que fé, esperança e amor não eram prerrogativas das religiões. Eu que estava me iniciando no ateísmo tinha três grandes coisas que me guiavam: fé, esperança e amor. Principalmente Fé.

A Fé fundamentalista de defender os direitos humanos fundamente. Fé nos direitos das pessoas escolherem as suas próprias fés, de exercerem seus rituais de origem e terem respeitadas suas etnias, culturas, raças, opiniões... A mesma fé que incomoda profundamente aqueles que, em nome das religiões e de suas próprias fés, negam direitos a outros.

Como ateu descobri que a única fé que viabiliza a paz do mundo é a comunhão entre todas as religiões, que possibilite a comunhão entre todas as pessoas. Meu sonho de ateu é ver um dia num terreiro de candomblé um casamento ou batizado com um padre, um imame, um pastor, um monge, um xamã, um cacique e uma escola de samba. A fé move montanhas, diz o provérbio, e para isso é preciso ser ateu para podermos respeitar todas as fés.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.